

RELATÓRIO DO 70º. CONGRESSO MUNDIAL DO P.E.N. INTERNACIONAL

6-12 de Setembro de 2004 – Tromso (Noruega)

Congresso Mundial do P.E.N. Internacional (em mínimas)

(texto publicado no J.L. em 13 de Outubro de 2004)

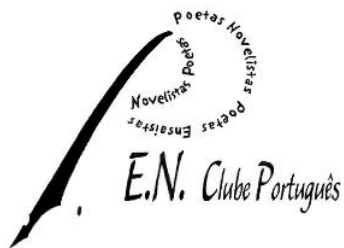
Foi há duas semanas. O septuagésimo Congresso do P.E.N., em 83 anos de energia e serenidade, através da conturbada história deste mundo. É a maior, a mais prestigiada (grande responsabilidade) e a mais actuante associação de escritores: está em mais de 140 países e são 202 os seus Centros, entre os quais o português, constituído em 1978 e considerado um dos mais activos. Mas vamos ver, em fragmentos, o que foi o Congresso de Tromso, Noruega.

P.E.N.: Fundado em 1921. Poetas, ensaístas e novelistas. Mas cabem também jornalistas e editores.

Tromso. Na Noruega, junto ao Polo Norte, e porquê? Obsessão do PEN, estar onde se deve chamar a atenção. Desta vez para as culturas e línguas minoritárias. Pois Tromso fica junto ao Polo Norte, onde vive o povo

Sami, os esquimós, os seres nómadas (Sami quer dizer: um ser, um homem) que viveram muitos milhares de anos “atrás das renas”, que tudo lhes dão, e também, claro, uma requintada inspiração poética: a neve, o vento, a respiração dos grandes espaços, “o homem semelhante aos bichos da neve”, no cantar de um dos seus poetas. Agora finalmente em convívio fraterno (mas não foi fácil) com o povo do Sul, os antigos “vikings”. Problemas que derivam de mais esta aproximação das culturas indígenas: a atenção sobre a “yoiken”, a oralidade, o xamanismo, a ligação íntima com a natureza. Que já tinha sido abordada no Congresso de há um ano, no México.

Temática. Pois não poderia ser outra: o exílio, as línguas minoritárias, dentro do espírito essencial do PEN: a construção, sempre inacabada, de uma comunidade internacional de escritores; a reafirmação da importância da literatura e da literacia na sociedade civil; o acesso da literatura para além das fronteiras; a defesa da liberdade de expressão e a atenção sobre todos os que estão privados dessa liberdade.

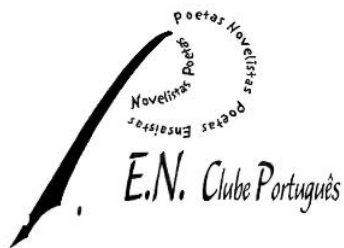


UNESCO. Louvor do Director da Unesco, o Sr. Koïchiro Matsuura, ao tema do Congresso, “Os escritores nas línguas minoritárias”, relevando as questões mútuas: a *língua franca*, o multilinguismo, a tradução como veículo de mediação, os direitos das línguas.

Participantes: Estiveram em Tromso 138 centros, cerca de 200 congressistas e alguns trouxeram notícias terríveis, que foram matéria debatida na Assembleia Geral: os recentes actos terroristas numa escola de Beslan, chamados à cena pelo Centro russo, a perseguição de exilados, através de apresentação de facturas impossíveis, promovida pela “democrática” Austrália, os conflitos recorrentes entre a China e o Tibete, entre Israel e Palestina, a eterna Cuba, com os seus prisioneiros sentenciados a 20 e mais anos de prisão por delitos de opinião, os “actos-de-fé” de livros em alguns países, as torturas, diante dos juizes, no Irão, os inúmeros sentenciados na Turquia, Espanha e os bascos, as condições mortais das prisões no Vietname, onde escritores e monges que se opõem ao regime e à corrupção “apodrecem” legalmente. Um nunca mais acabar de crimes contra o crime da expressão.

Fundação P.E.N. E Fundo de Emergência. Para ajudar escritores em dificuldades por esse mundo: exilados, perseguidos (por denunciar mutilação genital de mulheres, num caso), torturados, sempre por criticarem, através dos seus escritos, regimes e posturas autoritárias. Não há dinheiro que chegue para tanta vontade de solidariedade. Ajudaram-se escritores de: Argélia, Camarões, Congo, Etiópia, Gâmbia, Libéria, Nigéria, China, Turquia, Colômbia, Peru, entre outros.

Comité dos Escritores Na Prisão. *Latu sensu* para “prisão”, que são inúmeras as formas de perseguição e de discriminação. O PEN acompanha tudo, caso a caso, que neste momento são (números terríveis) 168 casos de prisão, 172 investigações, 12 casos jurídicos, 73 sentenças em análise, 79 autores atacados, 8 escondidos, 16 fugidos. Um total de 742 casos dos quais só foi possível resolver 38 (autores libertos) nos últimos meses. O PEN, que reuniu um grupo de voluntários de uma dedicação extrema, corre o mundo, a salvar quem pode, onde pode, a multiplicar apoios, a falar com políticos, a esperar semanas para ser recebido, a denunciar todas as situações, sejam elas onde forem. Publica semestralmente um livro com as situações mais relevantes, 80 páginas densas de atrocidades em mais de 70 países de todos os continentes.



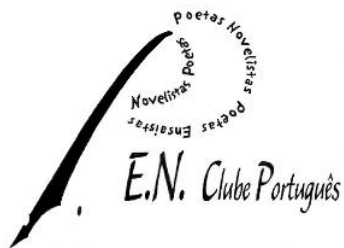
Comité da Paz: Em Bled foi a Conferência sobre a “Europa da unidade e diversidade e a paz: compromisso feliz ou infeliz?” e, em Portugal, a Conferência do Funchal: “Que paz depois das guerras?” – preparando-se nova intervenção nossa, mais profunda, no próximo ano. Na última Conferência portuguesa tratámos da paz através da análise das guerras em África, nos Balcãs e no Médio Oriente, ao mesmo tempo que em Barcelona as mesmas questões eram também trabalhadas.

Mundo Globalizado: E digitalizado. Inúmeros os problemas encarados pelo PEN, da sua visibilização à audibilização das línguas minoritárias e à valorização do discurso literário.

Mulheres Escritoras: Têm o seu Comité mas não é de mais insistir que só aparentemente é anacrónico. Seria, em países com uma democracia mais avançada, mas não nos países em que existe profunda discriminação e repressão. A rede vai ser intensificada e prepara-se mais um volume, o 3º volume, da antologia trilingue (*Our voice, notre voix, nuestra voz*), e vamos a ver se as autoras portuguesas comparecem. Vamos contactá-las.

Direitos Linguísticos. Línguas proibidas, perseguidas, em vias de desaparecimento. Tema recorrente, com análise de casos concretos. O governo russo, por exemplo, impede a República Tatar de usar a sua língua... em caracteres latinos, retomando uma imposição estalinista. A língua em luta constante pela visibilidade. Bem nos recordamos do que aconteceu durante séculos, aqui ao lado, com o galego, o catalão, o basco. O relevo dado pelo PEN a esta questão passa pela criação de uma “Declaração Universal dos Direitos Linguísticos”, que corre pelo mundo, buscando apoios. (De lembrar que a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, de todos nós referência essencial, foi proposta e redigida inicialmente pelo PEN, no rescaldo da primeira guerra mundial).

DIVERSITY. Reafirmado o projecto em curso da “Coleção Mundial de Literatura”, na Internet, que o Comité de Traduções vem produzindo com entusiasmo. Cada poeta é apresentado em pelo menos 3 línguas, sempre numa de grande difusão e noutra minoritária. O projecto é liderado por Katica Kulovska, da Macedónia e é relevante o papel do PEN português. Pode ser visto em www.diversity.org.mk/



Publicações. Multiplicam-se as propostas num Congresso desta dimensão. As mais oficiais foram o magazine do PEN dedicado à literatura norueguesa e o número de “Nordlit” acerca das minorias do Norte. Pela nossa parte divulgámos um projecto poético revolucionário, aliás iniciado no Festival de Poesia de Porto Santo e apresentado internacionalmente em Ohrid, na Macedónia, na Conferência sobre Traduções e Direitos Linguísticos. É o “Sopro”, o poema infinito, que será escrito por centenas de poetas em mais de 120 línguas (nos próximos 3 anos).

Novos Centros. Passam a ser 145. Foram admitidos os centros de Guatemala, Haiti, Kosovo e do País Basco, os últimos dois por aclamação. A proposta de um centro Afrikaans (a língua do “apartheid” na África do Sul) sofreu dúvidas por não se saber ao certo se a língua se libertou da ideologia que lhe deu origem.

11 de Setembro. Celebrado, numa reflexão crítica e elegíaca, onde não se esqueceram outras atrocidades como Hiroshima.

Leituras No Cais. Várias, lindas, sobretudo de poemas. No café Skarven, junto ao cais. Mas todo o Congresso se passou como num barco, junto ao mar, que Tromso é uma ilha piscatória lá muito ao norte, que tem foral de cidade desde 1794, 62000 habitantes e a mais densa população universitária do mundo: 10000 estudantes (7% da população trabalha na indústria: cerveja, peixe, electrónica). Ah mas não há espaço para falar da paisagem: ilhas, fiords, neves eternas, a 200kms do Ártico.

Convidados. Escritores éramos todos mas a maior parte estava ali para trabalhar matérias objectivas do Congresso. Outros apenas para lerem, dialogarem, os casos de, por exemplo, Jostein Gaarder (*O mundo de Sofia*), sobre a responsabilidade ecológica, a necessidade de uma Declaração Universal das Obrigações Humanas, o papel da literatura num ambiente em vias de tornar-se uma bomba lenta e sobre a restauração da ética na cultura e mundivisão do agricultor; que, como exigir sacrifícios? Amin Maalouf, do Líbano, dizendo do 11/9 que era um “choque depois da esperança”, numa época de “identidades assassinas” em que, mais do que nunca, os escritores são necessários e “subjugados” por um fardo pesado. Maria Modig, da Suécia, cita o antigo presidente H. G. Wells sobre os desaires que a obediência, mais do que a desobediência, teria causado (proferido nos anos 30). Ernesto Cardenal, o poeta que veio contar e cantar as atrocidades na América Latina. Eugen Schoulgin, interrogando se a fama será desejável, nesta e noutras épocas, lembrou a Islândia, país “com 260000 habitantes e 260000 poetas”.



Futuros Congressos e Conferências internacionais. Serão na Bósnia, na Eslovénia, na Turquia, na Alemanha e em Portugal, Madeira, uma conferência sobre a paz, em Junho do próximo ano.

Casimiro de Brito,

Presidente do PEN português

e Teresa Salema, delegada oficial ao Congresso.